

TRADUÇÃO E ENUNCIÇÃO: DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA

TRANSLATION AND ENUNCIATION: DEVELOPMENT OF TRANSLATION COMPETENCE

Heloisa Monteiro Rosário¹

heloisa.monteirorosario@gmail.com

Patricia Chittoni Ramos Reuillard²

patriciaram@terra.com.br

Resumo: Considerando que a competência tradutória não é algo inato, mas adquirido ao longo de um processo consciente e contínuo de formação, que vai do aprendiz ao profissional, este estudo, partindo da análise de exemplos de traduções do francês para o português feitas por alunos de Letras, em um contexto de ensino-aprendizagem, ou de exemplos extraídos de obras publicadas, debruça-se sobre a construção da competência leitora, que diz respeito à leitura para fins específicos de tradução. Apoia-se, para tanto, no modelo PACTE, que vê a competência tradutória como um conhecimento especializado, composto por conhecimentos declarativos e operacionais, que compreende as subcompetências bilíngue (conhecimento da língua de partida e de chegada), extralinguística (conhecimento de mundo), instrumental (conhecimento de fontes de documentação e de recursos tecnológicos), estratégica (conhecimento relacionado à operacionalização da atividade de tradução), conhecimentos teórico-práticos sobre a tradução, além dos componentes psicofisiológicos (aspectos cognitivos, tais como memória e capacidade de análise e síntese). A subcompetência bilíngue implica conhecimentos gramaticais, textuais, pragmáticos e discursivos nas línguas de trabalho; conhecimentos estes imprescindíveis à compreensão do texto de partida e à produção do texto de chegada. O estudo ancora-se, igualmente, nas noções de semiótico e semântico da teoria benvenistiana da enunciação, que, buscando o homem na língua, se interessa pela inscrição do sujeito na estrutura por intermédio de marcas específicas de tempo, espaço e pessoa mobilizadas pelo locutor a cada instância de discurso. Considera-se, desse modo, a língua não apenas como um sistema de signos (modo semiótico), mas como o sistema linguístico resultante da atividade do locutor em relação à língua (modo semântico). Defende-se portanto, neste estudo, a importância de um trabalho que relacione o modelo PACTE e uma reflexão enunciativa, nas aulas teóricas e práticas de tradução, de modo a desenvolver a competência leitora do aprendiz de tradução e, conseqüentemente, sua competência tradutória.

Palavras-chave: Tradução. Modelo PACTE. Teoria Benvenistiana da Enunciação. Competência Leitora. Competência Tradutória.

¹ Doutoranda e Mestre em Letras, na área de Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Estudos Linguísticos do Texto e Licenciada em Letras (Português-Francês) também pela UFRGS. Professora de Francês do Instituto de Letras da UFRGS.

² Bacharel em Letras (francês/alemão) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora-adjunta do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abstract: Considering that translation competence is not something innate, but something that is acquired through a conscious and continuous formation process, going from the learner to the professional, this study, based on the analyses of French to Portuguese translations examples made by Translation students, or discussed by us, in a learning-teaching process, is focused on reading competence building, in what concerns reading to specific translation purposes. Based on the PACTE model, which considers translation competence as a specialized knowledge, formed by procedural and declarative knowledge, in what concerns the bilingual sub-competences (source and target language knowledge), extra-linguistic (world knowledge), instrumental (documentation and technology resources knowledge), strategic (knowledge related to the operationalization of translation activity), practical and theoretical knowledge about translation, besides the psycho-physiological components (cognitive aspects, such as memory and capacity of analysis and synthesis). Bilingual sub-competence implies grammatical, textual, pragmatic and discursive knowledge at the language of work, essential knowledge towards the source text comprehension and the target text production. It is also based on the semiotic and semantic notions of Benveniste enunciation theory, which, seeking the man in the language, it is concerned in how the subject appears in the structure through specific time, space and person marks, used by the speaker in each instance of discourse. Therefore, language is considered not only a sign system (semiotic), but as the linguistic system that results from the speaker activity towards the language (semantic). So, it is argued here the importance of a work that puts PACTE model and an enunciative reflection together at practical and theoretical translation classes, in order to develop the translation learner reading competence, and, therefore, his/hers translation competence.

Key words: Textual genres. University examinations entrance. Social discursive interactionism. Discursive type. Discursive sequence.

1 Introdução

No âmbito de um processo de ensino-aprendizagem de tradução, cabe ao professor desencadear paulatinamente no aluno uma tomada de consciência sobre essa atividade, auxiliando-o a construir sua competência tradutória. De fato, no início da formação, nada distingue o aprendiz-tradutor de qualquer outro leitor bilíngue, entendido como aquele que domina uma língua estrangeira além da materna. Será ao longo de um processo consciente e contínuo, que culminará na especialização, que o aprendiz vai adquirir e desenvolver uma série de competências interligadas que o tornará apto a traduzir profissionalmente. Entre essas competências, encontra-se a competência leitora, ou seja, a leitura específica que se faz com vistas à tradução (CINTRÃO, 2005, p. 73).

Por entender que o desenvolvimento da competência leitora do aprendiz é a principal tarefa do professor, este artigo discute sua construção a partir da relação entre o modelo PACTE (Procés d'Adquisició de la Competència Traductora i Avaluació) de competência tradutória proposto por Hurtado Albir (2001) e as noções de semiótico e semântico da teoria da enunciação de Benveniste (1966, 1974), apresentando alguns exemplos de traduções do francês para o português feitos por alunos do Curso de Bacharelado em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS ou analisados/produzidos por nós.

2 Modelo PACTE de competência tradutória: a subcompetência bilíngue

Partindo do princípio de que a competência tradutória é distinta da competência bilíngue e que se compõe de diversos componentes, o modelo holístico do grupo PACTE entende a competência tradutória como o sistema subjacente de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para traduzir (HURTADO ALBIR, 2001, p. 394). Trata-se de um conhecimento especializado, composto por conhecimentos declarativos e operacionais, que compreende cinco subcompetências, além dos componentes psicofisiológicos: bilíngue, extralinguística, instrumental, estratégica e de conhecimentos sobre a tradução.

A subcompetência extralinguística tange ao conhecimento da cultura de partida e de chegada, ao conhecimento enciclopédico e temático. A subcompetência instrumental abrange o conhecimento de fontes de documentação e de recursos tecnológicos, tais como motores de busca, bases de dados, programas de memórias de tradução. Da subcompetência estratégica fazem parte os conhecimentos necessários à realização da tradução e à resolução dos problemas encontrados durante esse processo, ou seja, os conhecimentos necessários à operacionalização da atividade de tradução. Já os conhecimentos teórico-práticos sobre a tradução implicam tanto o conhecimento das principais noções relativas ao processo tradutório, como unidade de tradução, equivalência, métodos e estratégias, quanto o conhecimento sobre a atividade profissional propriamente dita. O desenvolvimento de todos esses componentes passa, além disso, pelos componentes psicofisiológicos do tradutor: são os aspectos cognitivos, tais como memória, atenção, disciplina e capacidade de análise e síntese.

Cabe destacar, nesse contexto, que, neste estudo, desenvolveremos apenas a subcompetência bilíngue em sua relação com as noções benvenistianas de semiótico e semântico.

A subcompetência bilíngue diz respeito ao conhecimento necessário para a comunicação em duas línguas (conhecimento este adquirido ao longo da formação) e engloba os conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e gramaticais. Ela é o esteio da atividade do tradutor: de nada serve o conhecimento teórico de um indivíduo sobre a tradução, suas capacidades de gerenciamento profissional e de controle pessoal, seu conhecimento de mundo e das especificidades de determinada civilização e cultura, se ele não dominar, o máximo possível, suas línguas de trabalho. Cabe ressaltar, no entanto, que a divisão dos conhecimentos atinentes à subcompetência bilíngue é de ordem meramente didática, posto que eles se imbricam. De fato, a identificação de determinado uso de uma palavra ou expressão requer do leitor, além do conhecimento pragmático, ou seja, a compreensão de seu

uso em determinado contexto de comunicação, um entendimento sociolinguístico desse emprego. Do mesmo modo, não se pode desvincular os conhecimentos gramaticais necessários à leitura de um texto – quer se refiram à ortografia, sintaxe, pontuação, entre outros – daqueles que tangem à situação sócio-histórica de sua produção.

Vejamos alguns exemplos de como uma falha em um desses conhecimentos pode comprometer uma escolha tradutória.

Exemplo 1:

La *pouffiasse karmique* continuait son sketch, évoquant les forces telluriques qui irradiant le ventre et le sexe.

A *baleia kármica* continuava o sketch, evocando as forças telúricas que energizam o ventre e o sexo.

No trecho acima, o personagem do romance *Les particules élémentaires*, de Michel Houellebecq, emprega a palavra *pouffiasse* para referir-se pejorativamente à sua professora de ioga. Essa palavra, de registro vulgar, significa prostituta e, por extensão, mulher gorda, feia e vulgar; ou seja, trata-se de um uso da língua que busca marcar um julgamento negativo acerca de uma mulher. A solução oferecida pelo tradutor, *baleia*, embora pertença ao registro vulgar, acentua apenas um dos traços do uso dessa palavra em francês, aquele que acentua a gordura. Para oferecer uma solução que correspondesse pragmaticamente à referência feita na língua de partida, o tradutor deveria buscar uma palavra que, em português, indicasse sobretudo uma injúria contra a personagem, tal como *vaca*, termo bastante empregado em nossa língua para indicar uma mulher que se busca depreciar. Acrescente-se o fato de que o adjetivo que acompanha *baleia* é grafado erroneamente em português, com a letra *k* ao invés de *c*, o que demonstra também uma falha ortográfica.

A mesma inconsistência pragmática pode ser observada no exemplo a seguir do mesmo romance, em que a palavra familiar *pocharde*, empregada para se referir a alguém que bebe demais, é traduzida por *bêbada*, cujo sentido faz igualmente referência a excesso de bebida, mas que tange ao uso padrão da língua, sendo, desse modo, menos marcada. Nessa situação, a fim de manter o mesmo efeito de sentido do original e, portanto, a intenção comunicativa do autor, o tradutor deveria optar por uma solução cujo registro fosse mais coloquial, tal como *pinguça* ou *bebum*.

Exemplo 2:

Suivit la description d'une posture incompréhensible ; la *pocharde* à ses côtés émit un premier rot.

Seguiu-se a descrição de uma postura incompreensível. A *bêbada* ao lado soltou um arroto.

Do mesmo modo, também os conhecimentos gramaticais (de vocabulário, sintaxe, morfologia, dentre outros), ou a falta deles, revelam a competência tradutória. Conhecer as possibilidades de sentido de uma palavra, conforme seu cotexto e contexto, interfere na qualidade de uma tradução. Para ilustrar esse tipo de conhecimentos, vejamos a seguir um pequeno texto e a solução proposta por um aprendiz de tradução.

Exemplo 3:

Nous gaspillons, détruisons tout. Nous utilisons des couverts, stylos, briquets, appareils photos jetables... dont la fabrication génère la pollution de l'eau, de l'air, et donc de la nature. Renoncez dès aujourd'hui à tout ce *gâchis* avant d'y être forcée demain.

Nós desperdiçamos, destruímos tudo. Utilizamos talheres, canetas, isqueiros, máquinas fotográficas descartáveis... cuja fabricação produz a poluição da água, do ar, e, portanto, da natureza. Renuncie desde já a todo esse *gatilho* antes de ser forçado a isso amanhã.

Esse parágrafo se insere no livro *L'art de la simplicité*, de Dominique Laureau, que discute a noção de “simplicidade voluntária”, muito em voga a partir dos anos 2000. Neste trecho, a palavra *gâchis* retoma a ideia desenvolvida em todo o parágrafo, ou seja, a de que nós consumimos em excesso e poluímos a natureza com nossos exageros, e encerra a noção de *desperdício*, *esbanjamento*. A não recuperação desse sentido, aliada a uma leitura compartimentada, que vê a palavra desligada de seu contexto, levou o aprendiz-tradutor a oferecer como equivalente o termo *gatilho*, confundindo *gâchis* com *gâchette*.

Outra ilustração do dano causado pela falta de conhecimentos lexicais pode ser vista na tradução da expressão *les nouveaux fondus* no texto *Ces bêtes qu'on abat...*, de Aude Lancelin, que versa sobre o veganismo e que defende uma alimentação natural, sem proteínas animais.

Exemplo 4:

Auteur en 2008 d'une « Philosophie de la *corrida* » celui-ci a pourtant peu de chances d'être poliment écouté par *les nouveaux fondus* de protéines végétales.

Autor em 2008 de uma “Filosofia da *Corrida*”, este tem, no entanto, poucas chances de ser polidamente escutado pelos *novos fondues* de proteínas vegetais.

Neste contexto, o substantivo *fondus* refere-se a alguém que “se derrete” pelas proteínas vegetais, que é um fã fervoroso de algo. Ao oferecer “novos *fondues*” como tradução, o aprendiz-tradutor demonstra não ter conhecimentos gramaticais básicos: primeiramente, confunde o gênero da palavra em francês, que, sendo masculina (*fondus*), não poderia significar o prato típico; em segundo lugar, peca sintaticamente, pois acompanha um substantivo feminino (*fondues*) de um adjetivo masculino (*novos*) para, por fim, ignorar o fato de que não faz sentido unir, nesse contexto, uma *fondue* – à base de queijo – a proteínas vegetais. Além disso, o substantivo *corrida* em francês, que se refere ao espetáculo das touradas, é traduzido por *corrida*, ato de correr, o que testemunha, mais uma vez, uma falha em sua competência leitora.

Pode-se perceber, nesses poucos exemplos, como todos esses conhecimentos se imbricam, constituindo um saber sobre a língua e a cultura de partida e de chegada, ou seja, constituindo a subcompetência bilíngue do profissional de tradução.

3 Semiótico e semântico

A partir das noções de semiótico e semântico, Benveniste (1966, 1974) propõe que a língua é um sistema cuja significação articula-se em duas dimensões: a do modo semiótico e a do modo semântico.

No modo semiótico, o autor, retomando Saussure, define a língua como um sistema de signos. Trata-se, assim, de um modo de significação que se estabelece, mediante distinção, internamente ao sistema; ou seja, o valor de um determinado signo define-se, negativa e opositivamente, em relação aos demais signos de um mesmo sistema. Um signo vale, portanto, o que os outros signos do mesmo sistema não valem. As relações de referência são sempre internas ao sistema de signos, estabelecendo-se em um eixo paradigmático.

No modo semântico, ao contrário, a língua é definida como o sistema linguístico resultante da atividade do locutor em relação à língua, ao sistema. Não se trata mais do emprego do signo (da forma), mas do emprego da palavra – o signo em uso pelo locutor. Trata-se, agora, de um modo de significação no qual o sentido da palavra depende de seu emprego na frase, da organização sintática dos elementos do enunciado destinado a transmitir

um sentido dado em uma circunstância dada. As relações de referência continuam internas, embora internas ao ato de enunciação, estabelecendo-se em um eixo sintagmático.

Partindo dessa distinção, Benveniste aponta que transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra é a impossibilidade da tradução, ao passo que transpor o semantismo de uma língua para o de uma outra é a possibilidade da tradução (1989, p. 233). Isso ocorre, de um lado, porque o sentido de um signo, de uma forma, dá-se intrassistema, não havendo qualquer relação entre diferentes sistemas linguísticos; e, de outro, porque o sentido de uma palavra se estabelece no enunciado produzido por um locutor, havendo, desse modo, a possibilidade de se buscar em outra língua um equivalente, uma forma de se dizer a mesma coisa. Por essa razão, o autor afirma que “o semiótico (o signo) deve ser reconhecido; o semântico (o discurso) deve ser compreendido” (BENVENISTE, 1989, p. 66).

Daí por que tais noções são produtivas em uma reflexão que objetiva o desenvolvimento da competência leitora e, conseqüentemente, da competência tradutória: o aprendiz-tradutor, em seu trabalho de tradução, deve reconhecer o semiótico (o signo) e deve compreender o semântico (o discurso) na língua de partida para, então, buscar um equivalente na língua de chegada.

Passemos agora à análise de um outro exemplo de tradução.

Exemplo 5:

Combien de mesures écologiques ont été remises aux *calendes grecques* parce que leur application pourrait nuire à la relance économique ?

Quantas medidas ecológicas foram adiadas para os *calendários gregos* porque sua aplicação poderia prejudicar a retomada econômica?

No trecho acima da obra *La simplicité volontaire*, de Serge Mongeau, a expressão *calendes grecques* é traduzida por *calendários gregos*. Tal solução mostra que o aprendiz-tradutor reconheceu o signo *calendes* em francês e buscou um signo equivalente em português, fazendo uma leitura que se limitou à dimensão semiótica da língua, ou seja, que se limitou ao emprego das formas na língua de partida e de chegada. O aprendiz-tradutor não compreendeu a palavra (o signo em uso, o discurso), não fazendo, portanto, uma leitura da dimensão semântica da língua, isto é, de seu emprego. Por isso, acaba não oferecendo um equivalente que dê conta, de fato, desse contexto de uso da palavra *calendes* em francês – nesse caso, em português, *calendas*. Temos aqui, por conseguinte, uma solução de tradução comprometida, uma vez que o aprendiz-tradutor “traduziu” o signo, a forma, e não a palavra, o signo em uso,

contextualizado. Segundo Benveniste (1989), podemos dizer que o aprendiz-tradutor “traduziu” a língua e não o texto. Daí a infelicidade da solução proposta.

4 Uma breve análise aproximando os campos teóricos

O trecho a seguir traz uma passagem de um artigo, publicado na revista francesa *Marianne*, cujo título em francês é *Tabernacle!* O texto informa que a companhia aérea Air Canada foi condenada pela justiça canadense a pagar uma indenização a dois passageiros francófonos por não terem sido atendidos em língua francesa.

TABERNACLE !

La justice canadienne au secours du français.

Deux francophones viennent de faire condamner Air Canada pour défaut de bilinguisme. Douze mille dollars : c’est la somme que la compagnie Air Canada doit verser à deux passagers pour ne pas les avoir servis en langue française.

As soluções de tradução propostas em sala de aula foram:

- (1) *Tabernáculo!*;
- (2) *Aleluia!*;
- (3) *Inferno!*.

Analisando essas soluções, vemos que em (1) o aprendiz-tradutor reconheceu em francês o signo *tabernacle* e buscou um signo equivalente em português, *tabernáculo*, limitando-se, em sua leitura, à dimensão semiótica das línguas de partida e de chegada, ao emprego das formas em francês e em português.

O sentido do signo *tabernacle*, no entanto, não corresponde ao sentido da palavra *tabernacle*, tal como é empregada neste texto. Não se trata aqui de um objeto usado durante a liturgia, mas sim de uma palavra pertencente à variante canadense, que se refere ao discurso religioso e que é utilizada como uma blasfêmia.

Desse modo, em (2) e (3), vemos que os aprendizes-tradutores não apenas reconhecem o signo *tabernacle*, mas também procuram compreender o uso da palavra *tabernacle* no contexto em questão, preocupando-se com uma leitura que considere a dimensão semântica da língua. A diferença entre (2) e (3) é que, em (2), o aprendiz-tradutor não recupera o sentido negativo da blasfêmia, utilizando uma palavra, *aleluia*, que remete ao discurso religioso, mas

aponta para algo positivo. Já em (3), com *inferno*, o aprendiz-tradutor mostra, de fato, compreender o emprego de *tabernacle* na referida situação de uso da língua, uma vez que, em português, busca como equivalente uma palavra que, ao mesmo tempo, remete ao discurso religioso e aponta para algo negativo.

Por outro lado, considerando-se que a subcompetência bilíngue implica conhecimentos pragmáticos, sociolinguísticos, textuais e gramaticais necessários para a comunicação em duas línguas, podemos afirmar que, em (1) e (2), esses conhecimentos não foram mobilizados.

Em (1), os signos *tabernacle*, de um lado, e *tabernáculo*, de outro, nada têm a ver com o contexto do texto, ou seja, o objeto usado durante a liturgia em nada se relaciona com o que é relatado no artigo a propósito da condenação da companhia aérea. Os conhecimentos gramaticais e textuais não foram, então, aqui acionados. E, em (2), por sua vez, o aspecto pragmático de *tabernacle* é contornado, perdendo-se a marca negativa da blasfêmia.

Mais uma vez, apenas em (3), vemos o aprendiz-tradutor relacionar conhecimentos de diferentes ordens (textual, pragmática, por exemplo), tanto na língua de partida como na de chegada, o que possibilita a comunicação do referido texto em francês e em português.

Com isso, observamos uma aproximação possível entre noções de campos teóricos diferentes: do campo da enunciação, trazemos as noções de semiótico e de semântico e, do campo da tradução, a noção de subcompetência bilíngue. Afinal, para traduzir, não basta um conhecimento dos sistemas linguísticos, das formas de cada idioma (do semiótico), mas é preciso compreender o funcionamento desses sistemas, o funcionamento dessas formas no uso da língua (o semântico), o que envolve conhecimentos gramaticais, textuais, sociolinguísticos e pragmáticos.

5 Conclusão

Buscamos, no presente estudo, mostrar que, no início de sua formação, nada distingue o aprendiz-tradutor de qualquer outro leitor bilíngue. Cabe, desse modo, ao professor, no âmbito de um processo de ensino-aprendizagem de tradução, desencadear paulatinamente no aluno uma tomada de consciência sobre essa atividade, auxiliando-o a construir sua competência tradutória.

Para tanto, é preciso que o aprendiz-tradutor construa sua competência leitora, ou seja, a capacidade de fazer uma leitura com fins específicos de tradução. Pensando nessa construção, discutimos e relacionamos o modelo PACTE de competência tradutória proposto por Hurtado

Albir, sobretudo no que concerne à noção de subcompetência bilíngue, e as noções de semiótico e semântico da teoria benvenistiana da enunciação.

Por intermédio de algumas análises de traduções, feitas em aula ou por nós apresentadas, pretendemos ressaltar, portanto, a importância de um trabalho que relacione o modelo PACTE e uma reflexão enunciativa, nas aulas teóricas e práticas de tradução, de modo a desenvolver a competência leitora do aprendiz de tradução e, conseqüentemente, sua competência tradutória, uma vez que o simples conhecimento das línguas de trabalho (de partida e de chegada) não garante a capacidade de se atribuir sentido – de leitura – nem tampouco de se traduzir o semantismo de uma língua para outra.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1995.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. Sobre a capacidade de análise linguística e literária como componentes da competência do tradutor. **Tradterm**: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 11, 2005.

HOUELLEBECQ, Michel. **Les particules élémentaires**. Paris: Flammarion, 1998. p. 137.

_____. **Partículas elementares**. Porto Alegre: Sulina, 1999.

HURTADO ALBIR, Amparo. **Tradución y Traductología. Introducción a la Traductología**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

LANCELIN, Aude. Ces bêtes qu'on abat... **Le Nouvel Observateur**, Paris. Disponível em: <<http://bibliobs.nouvelobs.com/essais/20110112.OBS6117/ces-betes-qu-on-abat.html>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

LAUREAU, Dominique. **L'art de la simplicité**. Paris: Marabout, 2007. p. 21. **MARIANNE**, 23-29 jul. 2011.

MONGEAU, Serge. **La simplicité volontaire**. Montréal: Écosociété, 1998.